



**P M J M L**  
**2 0 2 0**

**Textos participantes**

# O ano histórico de 2020

No momento em que o mundo, perplexo, luta para vencer um vírus e a ignorância que aumenta o número de vidas ceifadas, a AVL ousou manter seu prêmio literário como forma de garantir espaços para publicação de textos de escritores da Região Sul-fluminense como forma de garantir um pouco de esperança e fé.

Este ano de 2020 ficará na história: o mundo parou, nossas vidas estão de ponta-cabeça, vemos que a perda de seres humanos é, por vezes, desprezada, em diferentes recantos da Mãe Terra. Só uma certeza para a nossa geração: a existência não será a mesma depois que isso passar. E efemeridade da vida toma-nos de assalto.

Toda essa perplexidade, essa calamidade, certamente, influenciaram no ânimo, nas prioridades dos escritores. Apesar dos vários adiamentos de prazo para inscrição, infelizmente, o número de participantes ficou muito baixo, inviabilizando uma seleção de textos e a própria realização do concurso. A Organização apenas verificou o acordo dos textos inscritos com o Edital, eliminando aqueles que não estavam em conformidade. Para manter o objetivo de nossa missão, apresentamos os textos praticantes que estavam de acordo com o Edital.

Somos muito gratos aos heroicos escritores que enviaram suas produções, demonstrando mais uma vez confiança em nosso projeto, cujo objetivo é ser espaço para divulgação da literatura produzida em nossa região.

Esperamos que 2021 seja um ano em que possamos nos reerguer do caos, mais fortes, com uma vivência inimaginada.

Desejamos que estejam bem! Cuidem-se!

Giovana Damaceno

José Huguenin

Organizadores

# Participantes - Poesia

Anderson Luiz de Jesus- Resende – Minha dor

José Adal Pereira de Souza – Volta Redonda – O amor e a razão

Marcelo Henrique Marques Passos – Volta Redonda - Moléstia saudade

Saulo Soares – Piraí – TIMES NEW Romance

Tatiana Conde Moreira de Jesus – Itatiaia – A rosa

Vinicius Gonçalo Sarraff – Resende - Claridades

# Participantes - Contos

Dimas Soares - Itatiaia – O despertar

João Pedro Fraga de Souza – Piraí – Despedida

Lúcia Araújo - Pinheiral – A moeda de ouro

Marcelo Henrique Marques Passos – Volta Redonda - O fígado

Sérgio Soares Dutra – Barra Mansa – A árvore que bailava aos ventos

Vinicius Gonçalo Sarraff – Resende – A orquídea

POESIA

# Minha dor

Anderson Luiz de Jesus

Ó dor minha, dor sincera,  
Que sim! Ao chão me lança,  
E no peito dilacera  
Coração sem esperança.

Ó severa condição,  
Que é uma amarga herança,  
E deu se na supressão  
D'uma bem - aventuraça.

Uma dor que sempre escolhe,  
À dedo, aquele que acolhe  
A decisão de sonhar...

Sonhar com que permanece,  
De forma que não se esquece  
A forma exata de amar.

# O amor e razão

José Adal Pereira de Souza

O amor é uma vontade  
indomável e ardente  
sem depender da idade  
sucede assim de repente.

Essa força que é o amor  
dos sentidos se faz dono  
de mil coisas de valor  
uma só lhe tira o sono.

De tudo o que o olho vê  
só uma lhe fica impressa  
dos sons que chegam a você  
apenas um lhe interessa.

Faz ouvir um falcão,  
ele é assim absurdo,  
aumenta o som do trovão  
e a tudo o torna surdo.

Faz o mundo bem mais belo  
aumenta tudo um bocado  
mas bota no olho um velo  
deixando ver só o amado.

Para isso serve o amor  
pegar quem ama adoidado  
sempre com muito ardor  
juntar-se a quem é amado.

Sujeito assim veemente  
o amor separa e cola  
ao amado se faz presente  
e o mundo todo isola.

Mas sem ele não há vida  
pode até se andar com calma,  
mas sem a pessoa querida  
fica-se sem fogo n'alma.

# A moléstia saudade

Marcelo Henrique Marques Passos

Venho aqui escrever  
Um problema que não sei resolver.  
Já procurei em vários cantos,  
Porém ninguém soube dizer,  
De modo concreto, o que devo fazer.  
Do que sofro é saudade,  
Ô coisa ruim de esclarecer.  
Certa vez procurei um sábio,  
Que me disse conhecer,  
Pois há lidou com este caso  
E era simples de resolver.  
No momento clareei os olhos,  
Havia esperança em conseguir viver,  
Sem a maldita da saudade  
Que só sabia me fazer sofrer.  
Sucinto foi o cabra,  
Ao resumir a moléstia *braba*.  
Disse ser coisa fácil  
E me entregou o tal do dicionário.  
Foi custoso achar a palavra,  
Logo ela, maldita saudade que maltratava.  
Quando achei a danada,  
Já quis puxar a peixeira,  
Pensei que pudesse ali mesmo  
Finalizar a desgraçada.  
Só li que era um tal de substantivo.  
Pra mim é coisa que mata,  
Mas lá é sentimento nostálgico,  
Causado pela ausência de certo alguém.



Não quis nem procurar  
O que era o tal do nostálgico.  
Dali já soube o que me causou a doença.  
Peguei logo a pena e escrevi pra morena:  
Estou doente, trata-se de saudade,  
Moléstia brava que mata lentamente.  
O senhor médico, de batismo Dicionário,  
Nas graças já me deu a solução.  
Porém, preciso de você,  
Já que esta é doença  
Que sozinho não se cura.

# TIMES NEW Romance

Saulo Soares

Vejo seu rosto nos textos que escreve.

Na vírgula, o ajeitar dos cabelos à orelha, leve.

O fechar dos olhos no ponto ao fim da frase.

A contrariedade que franze o agudo avesso:

Sobrancelha, breve, crase.

Vejo um sorriso no substantivo

Do adjetivo enamorado.

Um transitivo transe num superlativo emocionado.

Vejo só, além da Fonte que, por exata, imperfeita.

Como se fosse o texto a ponte

Que ata o nó que desata

Uma distância que nos estreita.

# A rosa

Tatiana Conde Moreira de Jesus

Oh rosa, rosa minha púrpura!  
Deleito-me todas as noites a te olhar..  
Dos mais belos tons, a beleza pura..  
Donde reflete raios luminosos ao luar.  
Oh, minha pequena amada!  
Do orvalho cristalino, espero chegar..  
A aurora fresca, surgindo tão delicada..  
E com ternura tênue, vejo a desabrochar.  
Alvorada turva esconde a lua , mas ...  
Logo o sol brilhará...  
E desfrutando cada nota de odores florais...  
A luz e o vento mostrará..  
Sua rara beleza , que então florescerá...

# Claridades

Vinicius Gonçalo Sarraff

Vem nítido até mim o esplendor  
como fossem reais  
as visões de um sonhador.

Lembro daquele canário  
que nos fios de poste cortando o céu nublado  
cantava feito um coração.

Saudade de beber suco  
de raios de Sol.

Saudade de beijar seu braço  
molhado de sal.

Você deitado na minha cama  
me convidando com seu sorriso  
pra deitar em cima do seu colo

parecia o início de um instante feito do infinito.  
Era o começo da felicidade que, pousada frágil no meu dedo,  
logo iria embora, como o circo tinha ido.

Sempre na espera de um reencontro,  
respirei saudades suas minha vida inteira  
porque do afinco dessa procura sonho.

Nos últimos meses tenho vivido tanto  
que entre estrofes me desencontro.

Nelas acho, entretanto,  
todo o encanto do qual voo

devagar e alegre  
germinando no ar  
sem jaula e sempre.

**CONTO**

# O despertar

Dimas Moraes

O abrir dos seus olhos era um movimento vacilante, pálpebras cansadas, que lhe recobrava de pouco em pouco os sentidos. Logo que consciente, entabulara operação investigativa, manejando de um lado para o outro a visão, na premência de abreviar aquela estranheza, que nascera geminada com o despertar. Assim que os borrões se tornaram objetos sólidos, preenchendo suas retinas pela evidência de cores e formas, começara o esquadrinhamento do aposento.

Uma parcela de minuto depois, breve e apurada análise já tomava corpo em suas ideias, era o suficiente. Classificou então aquele cômodo e, rapidamente, deu o veredito:

— Mau gosto! — Balançando levemente a cabeça de um lado para o outro. — Tsc tsc tsc... — E prosseguiu com a missão, esgaravatando os enigmas do lugar.

Grandes tapeçarias recobriam seções das paredes. Em sua maioria, se assemelhavam inconclusas, com três letras ensejando assinatura vexativa nos rodapés. Certamente as iniciais de um malfadado artista, inacabado como elas. Havia fotos também. Muitas imagens de pessoas estranhas, antigas, habitantes de um mundo em sépia. Magras, muito magras. Na certa, aquela gente estaria passando fome, concluiu. E aquela poltrona?! Chenile amarelo! Braços disformes, coberta do encosto ao assento por um manto cafona, ordinário, nascido da juntura de miúdas rosáceas de tecidos diferentes, feitas à mão, repuxadas, rugosas.

Não suportando as tamanhas incongruências do ambiente, desconhecendo aquele incomodativo arranjo doméstico, ela murmurou novamente, repreendendo os impropérios estéticos que a cercavam:

— Sim, mau gosto! — E se levantou com cautela.

Adélia, aos oitenta e três anos, vestida de florais, com grampinhos de cabelo e sua costumeira tiara azul, agora desperta e senhora de um ressabiado desconhecimento, observou alguns envelopes e uma caixinha verde sobre o escrínio. Tomou um deles na mão e o conferiu:

— Carlos Alberto Campo Belo, Rua Wanderbilt Duarte de Barros?! — Depositando-o novamente sobre os outros, leu o rótulo do volume: — Ri-vas-tig-mi-na-6-m-g?!

Não reconhecendo tais nomes, sequer tal endereço, desanimada, ela intencionava buscar alguma familiaridade na vista da janela para localizar-se. Por isso, à medida que se aproximava do vidro, esticando o pescoço, antecipava com inquietação o descortinar da vista proto-urbana, um cenário quase bucólico.

Mesmo não reconhecendo tal aconchego, a reciprocidade dos lugares já costumeiros, Adélia se enterneceu com o cenário de além-vidro. E, pouco tempo depois, sua face relaxara com a beleza mansa e cozinha da rua.

Ela apoiou a bengala, repousou os antebraços no parapeito e se entregou ao luxo. Aquela grama verde cobrindo as margens, aparadinha, rivalizando com o asfalto; o meio-fio recém-pintado de branco-neve; o salpicar das arvorezinhas esparsas... tudo se revelava ingênuo, agradável, dominical. *Haveria de estarmos na primavera*, pensava.

E assim, como exímia observadora — o escrutínio dos arredores lhe aprazia —, se deleitava. Por isso percebera logo que à moda lugarejo pacato, como se apresentava aquele quinhão da cidade, o trajeto, com seus recamos, tinha um propósito: abrandar o coração dos visitantes, sensibilizando-os para a imensidão natural que se erguia no horizonte, com seu maciço imponente de píncaros escuros, rochas pontudas e seu adorno de mata atlântica. Sopé verdejante, aquoso. E falou consigo enquanto apoiava uma das mãos na cintura:

— Feito moça viçosa, que de saia rodada se mostra cheia de promessas, pulsante de vida! — Sorriu.

A embriaguez de sua mente com os deslumbres que por ali se via, alimentada pela magia sutil daquela paisagem, não a impedira de vislumbrar algo distinto. E, esquecendo-se das vigorosas montanhas para onde todos pareciam incessantemente ir e revir, voltou-se à novidade: uma ruazinha estreita apadrinhada à principal. E por lá eles iam. Verdadeira graça. Por ela se mantinha um contínuo caminhar, trotar, resfolegar...

Às vezes solitários, em pares ou até trios. Gente jovem e bem-disposta, uniformes de tadel, lycra e malha. Só os calçados destoavam da concórdia que por lá se estabelecia, dantescos como só eles.

— Mau gosto, mau gosto!

E, quando da procura de um, apenas um daqueles transeuntes que fugisse à regra do mal-calçar, à qual na imprudência de respeitá-la padeciam de elegância, identificara um exemplar diverso, único. Estava em marcha — talvez um trote macio, gingado —, verdadeiro olimpiano, quase dançarino. Era distinto, embora adepto de tão espúria regra — ou moda, nunca se sabe —, terminava por compensar com seu deslocamento ritmado e o prumo impecável no qual se mantinha; um espartano amadeirado de cabelos esvoaçantes. Adélia notou que ele, em desvios calculados à base de suavidade e graça, contornando os obstáculos-pessoas que do local também usufruíam, perfazia o caminho com desenvoltura.

— Bom gosto! — exclamou.

Lá, por detrás da janela, ela o seguia, estava admirada, abobalhada. E tão ligeira quanto ele se aproximava, viera a surpresa. Poucos metros adiante da janela, nas proximidades do portão, ele abandonara a atividade, conferira o relógio de pulso e rumara inequívoco para a casa. Num piscar de olhos, depois de aferrolhar o portão e retinir um pequeno molho de chaves, destrancava a porta da residência, ziguezagueando a maçaneta. O pulso de Adélia acelerava e seu entendimento falhava.

*Minha admiração o atráira? Que tipo de encantamento seria aquele?!*

Mal tivera tempo de pensar e a porta já se abria.

Sua descrença no acontecimento que tomava curso, assomada à tentativa de conter o espanto que lhe fazia pesar o queixo, constrangeu-lhe a erguer as mãos para cobrir os próprios lábios que se desuniam. Enquanto os olhos de sentinela, bastante abertos, habilidade de alma contemplativa, não perderiam sequer um detalhe de sua entrada bem-apeçoada, triunfal.

Entrou o rapaz ofegante — em plena boniteza — e, com ternura, disse:

— Que linda, me esperando voltar?! — Deu-lhe um sonoro beijo na bochecha esquerda, repousou as chaves sobre os envelopes e foi à cozinha.



Ali mesmo da janela, Adélia o observou cuidar das louças e fazer o café. A beleza espetacular daquele homem suprimia aos poucos a desarmonia daquela residência. Seus lábios volumosos, carnudos; sua pele acastanhada; corpo esguio; cabelos curvilíneos e elásticos; além do verdejante da rua, que agora ele trazia estampado nos olhos:

— Bom gosto, bom gosto! — Concluiu que tudo nele cumpria a promessa de juventude e vivacidade que a primavera entrega todos os anos. A harmonia do lar estava de volta, havia se restaurado.

Amparada por sua autoconfiança, afinal, já era uma mulher consciente das agruras da vida e dos relacionamentos pelos quais nela se engendra, Adélia traçou uma estratégia. Da lavragem de sua altivez, consumidora voraz de zelo por anos a fio, tiraria as forças necessárias para abordá-lo. Aquele era o momento de demonstrar, praticar, a mulher na qual se transmudara. Queria fazer tudo dessa maneira, a melhor possível, sem deslizos. Seria assim, com assertividade, autonomia e aquela coragem que só os experientes sabem onde encontrar.

Sabe-se que aos jovens se dá tão fácil essa coisa do amor, natural como o brotar do alecrim. Não haveria de passar outra coisa. E a diferença de idade? Ah, seguramente, isso não seria nada. Para o amor não há idade, distância ou nacionalidade que se oponha. *Um jovem homem assim, de inegável formosura, gentil e prendado, não, não se deixa escapar*, pensava.

No vai e vem entre a cafeteira e a mesa, organizando tudo para o café da manhã, ele percebeu que Adélia seguia seus passos com olhares impetuosos. Só não estava certo do sentimento por detrás daquela vigília. Na dúvida, devolveu-lhe a conexão com um sorriso e, intrigado, perguntou:

— Você está diferente hoje. Aconteceu alguma coisa?

Era exatamente o que ela ansiava por receber, uma brecha, a mais propícia e frutífera oportunidade. Todo o seu corpo reagira, numa euforia sussurrante:

*É agora, é agora...*

Numa atitude corajosa, não lhe respondeu de imediato. Mas, recolhendo a bengala que jazia apoiada abaixo do peitoral, seguiu pela passadeira encaminhando-se para a cozinha do modo mais gracioso que conseguiu. Ele, ao observar seu movimento, deixou de lado os pães e as xícaras, se aprumou e esperou pelo desfecho.

Ela cobriu a distância que os separava numa incomum ligeireza, se achegou a ele e revestida de sólida convicção, avivada pelo flamejar do contato olho no olho durante o trajeto, tomou a mão esquerda dele em justaposição à sua. Em seguida, principiando com a outra mão uma leve carícia no seu rosto, quebrou o silêncio e disse:

— Você é tão lindo! — Ele sorriu e ela completou: — Quer namorar comigo?

Gargalhando e um pouco desconcertado, o rapaz disse:

— Vovó, sou eu, seu neto, Carlinhos!

# Despedida

João Pedro Fraga de Souza

Não pude fingir nem por uma noite.

Quando me contaram o deslinde da sua internação, bem, eu não acreditei, uma quantidade incontável de *nãos* era despejada da minha boca, havia uma esperança de que se eu atingisse um determinado número de *nãos* as coisas voltariam a normalidade. Não devo ter alcançado esse número.

Enquanto ainda entoava meu mantra a nossa do meio me arrebatou num abraço forte, na hora um pensamento mórbido, desses que compartilhávamos como diversão, atravessou minha mente, *talvez não dê tempo nem de você sentir saudade*, mas sobrevivi a esse e a demais abraços encharcados que ganhei. Não me deram muita oportunidade de chorar, me encontrei atordoada na nossa casa, muitos parentes já estavam lá, como urubus esperando um alvo, bem, eles o tiveram.

O nosso mais velho estava no hospital com você, ele chegou me procurando, quando me viu balançou a cabeça chorando, como se fosse culpa dele, como se ele não tivesse conseguido te manter... bem, conosco, entende? Algumas palavras têm peso demais e eu não estou podendo lidar com elas no momento, espero que compreenda, é bem mais fácil pra você, não tem que lidar com tudo, pode descansar a cabeça e relaxar.

Dizem que o corpo idoso necessita de menos horas de sono, mas isso nunca foi regra para nós dois. Era noite, tarde para nós dois, dormíamos cedo demais, mas essa noite eu não consegui dormir. Me revirei na cama que já estava há uma semana com uma ocupante apenas, mas sempre que aparecia alguém para conferir se eu respirava, fingia dormir, fugindo de qualquer consolo noturno. Pude ouvir o barulho de xícaras na cozinha e o cheiro de café, a do meio realizava ligações para urubus desavisados, eles não dormiriam, os nossos filhos, amanheceriam para resolver as burocracias taciturnas que permeiam a... despedida.

Me levantei antes do sol, fora uma noite fria para o mês de fevereiro, talvez a tristeza nos cubra de frio para que o choro esquente um pouco, eu devia ter chorado. Peguei uma roupa qualquer, um vestido longo azul escuro, não pensei muito na roupa de viúva, sentia o cheiro do café e precisava beberica-lo. Algumas pessoas estavam na mesa e tiveram a decência de não dizer um bom dia sequer, desconfio que serão poucos agora que nos despedimos.

Tento não ser pessimista demais, apesar de sempre termos feito troça de como seriam nossas vidas se um de nós se despedisse cedo demais, não passou por minha cabeça que eu ficaria aqui sozinha de verdade. Tinha um quê de fantasioso, lúdico até, em nossa brincadeira mórbida, a realidade tem menos viagens de cruzeiro e mais idas regulares a médicos.

O café estava forte, perfeito para quem não havia pregado os olhos a noite toda, o mais velho e a mais nova já haviam saído para resolver as burocracias taciturnas da despedida.

Há nove dias ninguém diria que isso estaria acontecendo, fomos ao aniversário do nosso neto mais velho, tiramos foto com o mais novo, você evitou comer, bem esse poderia ter sido um sinal.

O dia seguinte, do que agora se tornou o dia da sua despedida, seria marcado pela sua primeira sessão de quimioterapia, a mais nova ia com você para darmos início a uma luta pela... sua companhia. Perdemos sem antes entrarmos no ringue. Agora a do meio preparava um almoço para os urubus, que não se satisfariam somente com você, talvez pela magreza inquietante que ostentava nos últimos tempos, mas pra mim você bastava.

É difícil dizer, de forma precisa, o horário da sua despedida. Lembro que te liberaram de madrugada, pelo que me disseram, e você foi levado até a... bem, a capela, certo? Estava lá pouco antes das cinco horas da manhã, com portas fechadas. O mais velho saiu para ver se estava *tudo certo*, o que agora me faz esboçar um sorriso porque nada estava certo e nem ficaria.

Perto das dez horas da manhã disseram para eu me banhar para irmos ao seu encontro, ou coisa que o valha. A água fria cortou minha pele e minha alma e só ali eu me permiti chorar, camuflando minhas lágrimas na água do chuveiro. Obviamente me orientaram a deixar a porta do banheiro aberta, então alguém ouviu meu choro abafado e bateu para conferir meu estado, mandei ir se arrumar, para não proferir um impropério qualquer.

A do meio me esperava em nosso quarto. Estava mexendo em suas coisas, como se folheasse uma revista de fofocas procurando por alguém que conhecesse a fim de saber as novidades. Contive meu ímpeto de fazer essa analogia com ela, nossos filhos são fortes em alguns pontos, acidez não era um deles. Algumas lágrimas mudas tamborilavam em suas bochechas, eu não possuía forças para lidar com ela, já estava lidando comigo, apertei seu ombro num gesto carinhoso e disse a ela que fosse se arrumar. Gastei toda energia que o café havia me dado nesse momento.

Beberiquei outras duas xícaras e saí para fumar, a primeira tragada bateu como um descompressor de musculatura, me sentei na cadeira da varanda e encarei o par dela por algum tempo, esperando que me chamassem para ir te encontrar. Diferente da minha, a sua possuía uma almofada no assento pois depois da cirurgia na coluna você passou a ter muitas dores no cóccix, *coisas de velho*, dizíamos aos risos. Me permiti mais algumas lágrimas.

Sáímos de casa e passei com a do meio uma breve lista de pessoas as quais ela deveria ter ligado para o grande evento, ela sempre fora muito eficiente nossa menina, já estava marcada a missa de sétimo dia. Me peguei pensando no porquê de haver uma missa uma semana após a despedida de alguém, talvez baseada na criação de tudo onde Deus descansou no sétimo dia, mas você já descansava desde o primeiro. Essas missas são agendamentos de tristezas grupais, como se eu precisasse de um dia certo para ficar triste com a sua despedida, como se eu não fosse sofrer todos os demais dias antes do sétimo.

Chegamos ao pé da capela, alguns carros estavam subindo, deixando pessoas e voltando para tentarem estacionar em algum lugar próximo. Pude ver uma pequena fila dentro da capela, *sabia que deveria ter chego cedo para pegar senha*, pensei, quase rindo com tal declaração. Identifiquei alguns amigos que conversavam do lado de fora, espero que tenham ido falar um mísero *oi* contigo, afinal não era um reencontro

de amigos. Alguns reconheceram o mais velho e a mais nova nos bancos da frente e se vinham na direção do carro, tive vontade de pedir que o mais velho acelerasse e saísse antes da abordagem da polícia do luto.

Desci do carro com a ajuda da do meio, não havia notado minha fraqueza e minhas pernas cambaleantes até aquele momento. O mais velho parou o carro no meio do caminho e se pôs a me ajudar, praticamente me levando no colo até um banco próximo. Olhei para dentro da capela, as pessoas pareciam sair para me pajar. Alguns abraços, muitos pêsames de todos, elogios fúnebres, netos instruídos a dizerem que me amavam, me serviram o pacote completo.

Finalmente me dirigi até a capela. Você parecia estar dormindo, sua pele preta estava mais desbotada do que antes, parecia ter ficado anos sem sol depois de uma vida toda debaixo dele. Os vincos do seu rosto eram ainda mais belos, mas murchos e frios. Percebi que estava chorando quando a do meio me abraçou e tentou, em vão, me acalmar. Alguém trouxe uma água com açúcar e eu pedi por café.

Fui me sentar numa cadeira dentro da capela, arrependida de ter vindo a este ritual sem sentido. No momento que disseram que o... caixão... é, o caixão seria fechado, eu não veria mais você, não sentiria sua pele, nem seu calor, não tocaria o seu bigode que sempre odiei e agora ansiava ver mais uma vez. Me levantei e sussurrei palavras de amor em seus ouvidos, duas vezes, porque na primeira me esqueci de tirar os algodões. Não consigo me lembrar do resto do dia, sei que ingeri alguma comida após insistência, chorei na cama e encarei uma foto nossa por um tempo indeterminado. E então dormi.

A manhã que chegou após a despedida veio com obrigações impostas por nossas filhas, estavam determinadas a serem pragmáticas como jamais foram em suas vidas. A mais nova abriu suas portas do guarda roupas e me perguntou se eu queria ficar com algo, deve ter me perguntado se havia dormido bem, mas não cheguei a escutar, fitei seu rosto, parecia segurar o choro de uma semana inteira. Não sustentou a pergunta tempo suficiente para que eu conseguisse responder, mexeu numas blusas penduradas e saiu sem levar nada.

Em quase cinquenta anos de casados, nada foi mais difícil para mim do que separar suas coisas para doação, fiz sozinha, as meninas disseram que iria ajudar a superar o luto, que era bom fazer isso o quanto antes, mas eu nem havia começado meu luto enquanto tocava suas roupas e cheirava algumas em busca do seu cheiro. Não sei o luto de quem foi ajudado por essa tarefa. O meu permanece e nem adeus o faz ir embora.

# A moeda de ouro

Lúcia Araújo

Aos quarenta anos, Marcos nunca se casou. Morava sozinho no velho casarão da família, um casarão estilo colonial da época do Brasil Império construído em 1830 com dois andares. No andar de cima onde morava havia seis portas na parte frontal que se abria para uma sacada de frente para a Praça do Coreto. Os salões do térreo tinham sido adaptados e alugados para pequenas lojas, entre elas um antiquário e uma livraria.

Era noite de verão e Marcos abriu a janela de seu quarto, deitou-se e ficou olhando a lua cheia. Por instantes seus pensamentos o levou ao passado, ao tempo de criança. Via-o brincando na Praça do Coreto, com sua mãe o observando da sacada. Perdido nestas doces lembranças adormeceu e sonhou, mas não com a praça ou com seus pais, sonhou com um velho tio.

Pela manhã Marcos ainda estava pensativo com aquele sonho, quanto tempo se passara, tanto que ele havia esquecido o seu velho tio e suas histórias. Era apenas um menino quando o viu pela primeira vez: um velhinho de tez branca e cabelos brancos que fumava um cachimbo feito de barro e usava chapéu de palha. Carregava sempre consigo uma pequena foice, que mais parecia um brinquedo. Estranhamente as lembranças de garoto e de seu tio avô apareciam forte. Lembrou-se da noite em que ele chegou trazendo um grande baú. Sua mãe arrumou o quarto de hóspede e o velho levou o intrigante baú colocando-o ao lado da cama. Não disse nada e nem sua mãe perguntou. Só o menino ficou curioso.

Quando todos se recolheram Marcos viu que havia luz no quarto de hóspede, e caminhou para lá entrando sem bater. O velho estava com o baú aberto e este estava cheio de moedas de ouro. Os olhos do menino brilharam com a beleza daquelas moedas e eram tantas que se atreveu pedir uma ao velho, que fechou rapidamente o baú e a cara também. Nunca soube onde foi parar aquele baú com tantas moedas.

O dia passou rotineiro e a noite chegou. Contrariando o verão estava mais frio. Marcos se recolheu, porém custou a dormir o pensamento voltava sempre para o episódio vivido no quarto de hóspede. Onde foi parar aquele baú? Pensava...

Quando adormeceu acordou sobressaltado com batidas na porta de seu quarto. Fora um sonho que o atormentou nas noites que se seguiram.

Deixando sua costumeira discrição de lado, ele contou o sonho que o estava deixando perturbado à sua empregada Matilde, uma senhora de quase sessenta anos que trazia em si toda sabedoria popular, com suas crendices e seus costumes. A mulher se benzeu e disse:

— Sei que você não acredita, mas eu acho que é seu tio que está tentando falar com você através do sonho.

# O fígado

Marcello Henrique Pereira Passos

Aqui na cidade de Rio Alto corre um boato de um antigo habitante que parou de beber de maneira repentina. Uns afirmam que foi milagre de santo, outros dizem que ouviram do próprio Nonato que foi uma experiência extra corpórea. Baseado na estranheza da segunda hipótese, pois a primeira é facilmente explicada com um pouco de fé, vou transmitir aqui o que me foi dito. E desde já, peço, por obséquio, que leiam com devida aplicação para que me ajudem a ver se há veracidade nos fatos transcorridos. A história vai como segue abaixo. Se faltar uma emenda ou outra, peço perdão a quem lê, pois por passar de pessoa pra pessoa vai se perdendo o fio da meada.

Nonato era homem trabalhador, gentil como poucos e de uma presteza com o próximo nunca antes vista pelas bandas de Rio Alto. Ajudava quem quer que fosse, do maior dono de terras até a mais pobre criatura; E de maneira laica, sem diferenciação quanto a posição social. Havia, contudo, somente uma coisa na qual o sujeito desta anedota era problemático, e tal coisa atendia por nome de bebida. Sim, Nonato era daqueles que sentava no boteco da esquina quando o sol raiava e era capaz de sair somente quando o círculo amarelo já se tornava alaranjado. Por fama ou coisa parecida, nosso personagem foi apelidado de Nonato mói cana. Entretanto, ele não ligava muito quando o chamavam por tal apelido, para Nonato isso era como se houvesse recebido um título e freqüentemente empregava uma pausa juntamente com um artigo entre o substantivo e o adjetivo, de modo a parecer os famosos rei de séculos atrás. Por fim, apresentava-se como: "*Nonato, o mói cana!*".

Pois veja, como era de se esperar, após anos entregue nos braços da bebida, o detentor do título de mói cana já apresentava sinais de que sua saúde ia de mal à pior e os amigos mais próximos comentavam que Nonato andava ficando meio amarelado. Quando perguntando se notava algo novo em sua coloração, Nonato dizia que era culpa do sol e pedia logo que lhe servissem uma dose da branquinha, mas daquela que tinha a garrafa com letras em bronze e escrito "Alambique Fazenda Santa Clara - MG", a qual para ele era a melhor entre todas as pingas.

Com o passar do tempo, estado de saúde de Nonato piorou de verdade e sucessivas crises de dor abdominais juntamente com a notável perda de peso fizeram com que seus amigos o levassem ao médico. E foi justamente após essa consulta que vem aquela tal de experiência extra corpórea que havia comentado contigo, leitor, no começo da prosa.

Fato foi que o Doutor Justino avisou com todas as letras possíveis e de maneira mais clara que a água do São Francisco, que Nonato não poderia mais beber se tivesse por vontade se manter vivo. Entretanto, o nosso mói cana amarelado não o ouviu e algumas horas após a consulta foi se metendo num boteco e tomando novamente aquela dose da favorita. Assim, por motivo de tristeza ou medo após o diagnóstico,

Nonato foi levado quase que desacordado para casa onde permaneceu estirado no sofá até que uma voz rompesse o sufocante silêncio.

- Psiu Nonato! Será que consegues abrir os olhos e dar uma olhada aqui ao lado? Alô... Nonato...

Nonato!

Com muita dificuldade, Nonato inclinou a cabeça e olhou de soslaio para a voz que o bradava, notando para seu espanto, que quem solicitava a sua atenção por alguns minutos era o seu fígado! Nesse instante, Nonato arregalou os olhos e parecia não acreditar no que estava vendo. Sim, seu fígado estava lá, sentado em sua poltrona, com as pernas e os braços cruzados, fitando diretamente os olhos do amedrontado Nonato. Todavia, seu fígado não era mais como nos tempos de outrora e ao invés de apresentar aquela coloração avermelhada e saudável, ele já havia se tornado amarelado, com dezenas de manchas escuras e certamente também mudado de tamanho. Em meio a toda essa loucura, Nonato foi surpreendido pelo continuar da prosa.

- Pois não se assuste Nonato, saí sem causar estragos e por único objetivo de levar um dedo de prosa contigo. Desejo comunicá-lo que não retornarei para seu corpo se o senhor não parar de ingerir aquela maldita pinga, a qual já tenho até enjoão só de lembrar.

- Mas como? Como saíste de meu corpo? Eu não vejo nenhum corte... Será que isso é coisa de encantamento ou dessa vez entornei o tonel?

- Não se apegue aos detalhes pois o momento não é propício, Nonato. O fato é que se voltar a beber eu não retornarei para você. Ora, acha que é fácil fazer todo meu trabalho tendo que metabolizar essa quantidade de álcool que o senhor ingere todo santo dia? Meu amigo, nem fazendo hora extra! E olha que tem anos que não tenho uma folguinha, de maneira que estou completamente exausto e pretendo acelerar minha aposentadoria caso as condições de trabalho não melhorem. Pretendo hoje mesmo dar entrada na papelada. E olha, vou levar um turma de outros órgãos comigo pois a maioria não lhe aguenta mais.

Ao ouvir essas palavras Nonato desatou a chorar copiosamente e a esfregar os olhos a fim de ver se o fígado sumia e ele retornava à realidade. Porém, o seu fígado continuou...

- Por favor, Nonato... contenha-se! Eu não queria ter que vir aqui lhe dizer tão duras palavras mas a situação está deveras difícil lá. Saiba que seus órgãos desejavam realizar uma greve geral. Por este motivo, eu tomei a liberdade, como mais afetado, de vir lhe avisar do destino que o espera uma vez que o estimo deveras.

# A árvore que bailava aos ventos

Sérgio Soares Dutra

Conta-se uma história, lá nas bandas do interior, que uma imensa árvore, frondosa e diferente de todas conhecidas no mundo vegetal, viveu no topo de uma das colinas do grande e verde vale donde uma nascente límpida está sempre a jorrar e hidratar suas terras.

A colina é cercada de uma mata cerrada, como se protegesse sua majestade – habitante solitária no pequeno platô. Aquela árvore jamais deu uma única flor a que se pudesse identificá-la em seu reino, como também ninguém sabe afirmar sua data de germinação, senão por sua misteriosa história...

Havia uma prosa antiga, dita por uma velha escrava que trabalhou naquela fazenda no início da povoação e que sempre contava a sina de um dos fazendeiros que certo dia abandonou a propriedade desaparecendo no mundo de Deus. Pois, foi logo depois que sua única filha faleceu de amor.

Dizia ela que Sinhazinha se apaixonou por um peão da fazenda e no dia de seus quinze anos, o jovem criando coragem pediu ao fazendeiro que lhe concedesse a honra de bailar com Sinhazinha sua valsa de debutante.

O fazendeiro contrariado, com tanta ousadia, decretou que ele somente teria a mão de sua filha quando tomasse todo o vale. Então o jovem apaixonado, olhando para Sinhazinha, respondeu: “Espera-me, pois parto pela manhã e volto aos ventos”!

E partiu deixando sua bela em grande felicidade.

Na manhã seguinte Sinhazinha feliz, correu até o topo de uma colina para acenar em despedida ao seu amado, que seguia ao longo do vale, com braços erguidos que pareciam bailar à primeira brisa que passava, permaneceu por todo aquele dia e outros mais...

Mas o tempo foi passando, o jovem não retornava e Sinhazinha esperava...

O fazendeiro irado com tamanho apego não lhe deu atenção, até que o inverno, mais rigoroso a tornou enferma, lá no alto daquela colina quando desprotegida do frio. A jovem não conseguiu esperar a primavera e faleceu em sua relva.

O fazendeiro tomado pela dor mandou que a enterrasse no local de seu falecimento e partiu, nunca mais foi visto no vale.

Com o passar do tempo, uma imensa árvore cresceu no local, talvez para manter o gosto da jovem ao contínuo balançar de seus braços e bailar nas vagas dos ventos à espera de seu amado peão. E, em sinal de empatia... A toda mata baila aos ventos! – afirmava a velha escrava.



Quando lá chegou soube da famosa tempestade que também assolou o grande vale, atingindo com seus raios grande parte da colina... Inclusive a grande árvore, agora tombada à relva.

Januário subindo ao monte foi até a árvore, depositando em um de seus galhos a medalha de campeão conquistada pelo jovem em sua busca pelo grande amor de sinhazinha. E, orou: Por uma grande viagem daquelas almas, que agora livres poderiam buscar o paraíso...

# A orquídea

Vinicius Gonçalo Sarraff

Guardava a vida como um álbum de fotografias esconde as fotos da juventude. Queria um amor novo todo dia como se fosse a primeira vez. Dono de uma fé própria, desde pequeno batia descompassado. Ah, todas as roupas que ele deixava no armário, esperando uma ocasião especial para vestir... Como eu gostaria de colocar as notas do perfume dele aqui. Elas rimam, são de nomes tão bonitos. Mas o perfume é próprio dele, daquele hermetismo, e ele me contou as notas como se fossem segredos.

Os jeitos solto e ao mesmo tempo circunspecto davam a ele uma aura impassível, felina. Não era balanço na corda da ingenuidade nem desprezo. Era o silêncio de quem já havia encontrado as sete chaves da vida.

Um fio como que ligava ele acolá. Se fundia no sonambulismo selvagem criador de uma realidade outra, anônima. Cheirava sempre seu pulso para sentir o seu perfume, como se sua força para viver viesse das veias ali. Ardia e, antes que ele pudesse conter, irrompia. O carro caía na água. Grito, olhos arregalados, tentou gritar, bolhas, tirou o cinto, tentou abrir as janelas, mas tudo era preto e branco e preto e bolha e ele acordou buscando ar. Sorrindo dizia que não era nada. Mentira. Era o peso do sopro na boca, a distância nas costas.

Seu corpo e o fluido ainda pouco turvo comungavam, formando o invólucro. Ele deslizava entre os dois, seguro de si, levantando para uma vida doce onde recebia tudo de braços abertos. Todo fim de tarde ia pra praça. Ele completava a beleza do céu lilás. A única realidade possível para ele era aquela. Conseguia dar sentido pra vida. Ensinar, emancipar pela educação. Mas ele mesmo não tinha sentido, só ordem. Ele mesmo era um holograma, um eco de seu uivo. Ele sabia separar bem as máscaras. Mas pouco a pouco se entediava com aquela normalidade.

Já a caminho com suas contrações a paixão dentro dele hibernava, esquecida, esperando o momento certo para corroer a pele e fazer da vida mais alta que a arte. Canino lambia a vasilha com saudade da ração. Ele sentia a ânsia deixada palpitando, correndo com as folhas, a acariciar os seixos. Não era um alarme falso. O conluio se emaranhava na parte amorfa do campo de suas fantasias e insônias. Nele a besta sagrada acordava e a pessoa se afundava. Voltava ao plano fatal e cheio de pungência, que lhe dava, cobrando a paz em troca, a beleza insuportável de quem tem a capacidade perigosa de matar ou morrer, voar ou engatinhar. De conhecer a casa e por ela andar no escuro.

Seu pesadelo era belíssimo, cheio de cores. Era clímax contínuo, cheio de seiva, e ele o comeu como uma ameixa, até a semente, para que pudesse florir. Caía na glória púrpura. Agora ele era um satélite do tempo. No escuro a luz que o cegaria deu o bote e em suas pálpebras se formaram medusas. Pura hipnose. Dançava valsa sem par, mergulhado nas chamas da madrugada, que devanescia.

Agora ele já tinha visto os dois que moravam dentro dele, a ônix e o diamante, e também ele era o rubi, a esmeralda, o quartzo. A opala. Crepusculava. Lembrava espantado das despedidas. Ainda teria muitas vezes que dizer adeus pra girar maçanetas.

Ia e vinha, ia e vinha enquanto pelas costas o abraçavam já sem força os grossos e peludos braços daquele que sussurrava abstrações nos seus ouvidos. Faziam paz, se fundiam, ele e a pantera. Se içava para fora da penumbra, emergindo da sua aquarela, que separava um trecho do próximo. Os ombros e braços dele formavam uma enseada.

Seu coração apertou lentamente, desejando virar uma substância vaga e inocente como a espuma. Cada vez mais lasso, ele dissolvia naquela rósea quietude, que o abria e o ancorava. Os meios que as pessoas usavam para se sustentar e se consolar eram agora banais e então difíceis que ele ia ao redor de várias orbes e mirava vários escopos, em nenhum cravando nada além dos seus olhos severos. E como. Ele como que ia tirar o anzol cravado no olho do peixe. Ficou até o fim dos créditos, olhando pra telona com atenção. Chorava sorrindo, porque ninguém podia ser tão livre quanto um animal era, o aprendizado último era ser humano; porque ninguém podia ter água só sua fora do corpo senão numa piscina, estática, sem sal, cheia de cloro...

Majestosas na distância as crinas das ondas brilhavam, trazendo o luminoso navio sem esforço. Alguma hora aquelas mãos enormes teriam que cortar seus cabelos e também o seu orgulho, repartir seu corpo novamente. Para ele, com sua gentileza e os meios sensíveis, porque o tornavam vulnerabilíssimo, a felicidade seria perigosa, é verdade. Seria como reaprender a andar de bicicleta. Num mundo pegando fogo. Mas na sala de aula ele fazia o possível para formar bombeiros.

No fundo sei que ele ainda sentia que acreditar numa harmonia era como acreditar em fadas. Naqueles tempos de tirania, se não levasse à fogueira, se comportar como ele ou ver o que ele via poderia levar à loucura ou a um estado de desassossego horrível. O sistema era mórbido, mesmo, labirinto de asfalto que fazia a gente se perder de todo jeito e em todo lugar e em todo sentido em toda esquina e em cada sinal. E então era preciso se lembrar sempre quais eram suas batalhas, lutar incessantemente porque a luta era incessante e, mais do que não sucumbir, viver sem ensaios ou manuais ou tabuleiros, viver feliz. Ultrapassado o amor, e não tinha volta segura pra mentira.

Levantou e se arrumou e, atravessando a soleira, lá estavam a pasta, as mensagens, as contas, as chaves, a família, as listas de chamada, a terapia, a cafeína, os e-mails. O ano. Parecia que tinha recuperado um sentido, um... um direito... Quase tocava novamente o fundo dos olhos.

Por ora ele acordava ainda, cristalino e mole, com o chilrear urbano beijando seus ouvidos. Buscava uma posição. Rolou na cama. Saudoso demais, precisado demais de gente. Que sorte a dele. De repente era dele a cidade. E a vida era um só segmento contínuo que só a melatonina dava férias. Sentiu vontade de beber café. Talvez o ajudasse a chegar na calçada, e depois disso já não saberia de tudo que precisava saber, já desconheceria cada próximo passo, e por isso se animava, apesar do sacrifício, a se reorganizar.

Não era mais tão sério, era inofensivo. Chegava a ser cheio de graça nessa nova configuração que inventava. Não aguentava mais estar numa ilha, sitiado pelo oceano. .na vida, mas um espião.

Ao abrir a porta, a última lágrima ainda contornava o nariz. Estava pronto para os dias e já tinha o prazer de tudo que deles nasceriam. Ele era um ioiô no dedo do sol.

Nascia. Borbulhava. Corria. Um rio o cortava.

A sua verdade.